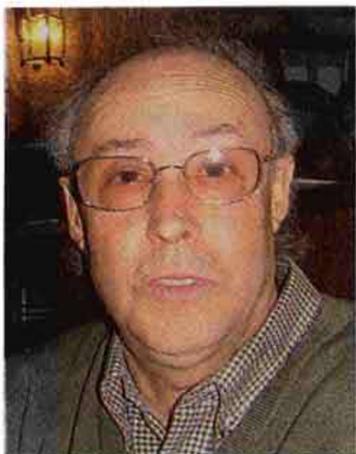


“As Adufeiras de Monsanto” (Idanha-a-Nova)

Dr. Joaquim Manuel da Fonseca



Dr. Joaquim Manuel da Fonseca
Director Executivo

O Dr. Joaquim Manuel da Fonseca está na génese do grupo 'As Adufeiras de Monsanto'. É o seu director executivo, já que os palcos apenas podem ser pisados pelas mulheres-adufeiras. A sua paixão pelas coisas da tradição nasceu muito cedo, quando jovem promovia através das ondas da Rádio Altitude, da Guarda, a música do povo e escrevia para a revista "Folclore". Foi dirigente do Rancho Folclórico de Monsanto e dinamizador de importantes Festivais de Folclore. Na sua rádio - Rádio Clube de Monsanto - reserva especial tempo de antena aos valores tradicionais, ao folclore musical e à etnografia. A nossa conversa incidiu particularmente sobre o projecto das "Adufeiras". Mas a preservação do património histórico edificado e os aspectos da ruralidade local vieram também à tona com certo ênfase.

O objectivo que presidiu à formação do grupo As Adufeiras de Monsanto, no que respeita particularmente à preservação do património tradicional de Monsanto, tem sido respeitado?

Efectivamente o grupo sempre procurou acautelar todo o potencial etnográfico e folclórico de Monsanto, como também defender o seu riquíssimo cancionário popular, esforçando-se pela sua preservação e divulgação, no país e no estrangeiro. Com

efeito, Monsanto tem sido ponto de encontro de investigadores e produtores artísticos, que nas suas raízes musicais, e nos rituais tradicionais, encontram matéria rica para as suas produções. A região foi durante décadas votada a um isolamento, de uma forma feliz porque não permitiu uma aculturação das tradições que oralmente se têm vindo a transmitir de geração para geração, nos serões, na coesão da família. Os avós foram os grandes transmissores, os filhos e os netos os grandes receptores da mensagem. As Adufeiras, enquanto grupo cultural de preservação tradicional, têm vindo a registar essas memórias, e a passá-las com a fidelidade possível à representação pública, memórias que assentam nas cantigas e nas melodias de características únicas e no singular toque do Adufe.

O Adufe é um instrumento musical em franca ascensão?

Não há dúvida que o Adufe de há uns anos a esta parte granjeou a simpatia de muitos grupos tradicionais e mesmo de intérpretes do meio artístico nacional. Penso que para isso muito contribuiu a divulgação que tem sido feita pelas Adufeiras de Monsanto.

A defesa e a preservação dos aspectos tradicionais, que constituíram intenção do vosso projecto, têm de alguma forma contribuído para levar a música tradicional à ribalta dos grandes espectáculos?

É assim, efectivamente. As Adufeiras têm sido solicitadas a participar em grandes eventos musicais, o que prova a aceitação desse tipo de música pelos grandes produtores de espectáculos. Por outro lado, é normal vermos o Adufe em bandas musicais e conjuntos artísticos de elevada craveira. Contudo, verificamos que os grandes meios de comunicação, nomeadamente a televisão e a rádio, estão noutro

campo. Quando nos encontramos integrados na comunidade europeia, mais que nunca devemos defender a nossa identidade, que passa pela preservação da nossa cultura, onde se incluem a etnografia, as danças, os cantares. Há necessidade de defendermos a nossa individualidade para que a nossa identidade não seja cilindrada pela globalização da Europa.

Disse-nos um dia que As Adufeiras de Monsanto não se assumem como grupo de raiz folclórica. Como assim?

Essa é uma questão pertinente. Dizemo-lo efectivamente com alguma mágoa. Com efeito, sendo as Adufeiras de Monsanto um grupo de raiz folclórica, o termo "folclore" causa-nos algum engulho, na medida em que o folclore tem sido ao longo dos tempos tão mal tratado nas mais diferentes circunstâncias. Folclore não pode ser uma palavra de arremesso, de achincalhamento, tão usual nas conversas até dos nossos políticos, que confundem o termo "folclore" com a baixa política que desenvolvem. As Adufeiras de Monsanto não se envergonham da denominação "folclore", mas preferem assumir-se como um grupo de raízes populares, onde o tradicional-genuíno está implícito no seu trabalho. Pensamos que temos valorizado a música folclórica, e nunca escondemos que a cantamos e tocamos, e sempre que o grupo se integra num espectáculo musical, não são as Adufeiras que se subordinam à orquestra ou estrutura musical do espectáculo, mas será o maestro e os seus tocadores que se subordinam ao cantar e ao tocar das Adufeiras. Julgamos que desta forma estamos a dignificar a nossa música folclórica, na medida em que somos nós que estamos a "comandar" o espectáculo, emprestando outra roupagem e outra dimensão ao próprio espectáculo.

Há um conjunto de eméritos compositores e artistas

da ribalta do espectáculo nacional que têm vindo beber às "fontes" tradicionais de Monsanto. Isso constitui como que um aferir de uma riqueza polifónica que as Adufeiras fizeram brotar?

Assim é, e refiro concretamente o maestro Arlindo de Carvalho, que baseou muitas das suas canções de cariz popular no folclore de Monsanto, dignificando a nossa maneira de cantar e também o nosso Adufe, fazendo questão interpretar com fidelidade as nossas canções, respeitando a própria fonética local. Mas também Zeca Afonso, que cantou, e muito bem, a "Velhinha", um cântico tradicional de Monsanto, como assim a "Senhora do Almurtão". São interpretações que, a nosso ver, foram enriquecidas com algumas nuances, mas que não deixam de chamar a atenção para o riquíssimo património musical que temos. Daí, quando aparecem as Adufeiras a interpretar a "Senhora do Almurtão" e o próprio Zeca Afonso a cantar a mesma cantiga, as pessoas apercebem-se de que há uma linha comum entre o popular e o artístico. Mas há outra faceta na importância do nosso folclore: muitas pessoas fazem questão de ver as Adufeiras cantar na sua ambiência natural, como pelo Natal, ouvirem as Janeiras, os cânticos ao menino Jesus, ou pela Quaresma escutarem as "Alvíssaras" ou a "Encomendação das Almas", que se revivem à meia-noite nos pontos mais altos de Monsanto. Isso é muito gratificante, poder cantar no cenário natural, e há volta sentirmos a presença de dezenas de pessoas a deliciarem-se com uma encenação que é natural e espontânea, de uma vivência que ainda se vai recriando sazonalmente.

Para lá do gosto de cantar, o que leva as Adufeiras de Monsanto a percorrer o país e o estrangeiro?

Naturalmente o preservar

da memória e da cultura dum povo. Também um enorme bairrismo e o amor à sua terra, predicados que justificam algum sacrifício que as pessoas fazem, com repercussão nas suas vidas particulares.

De que forma podemos entender o facto de As Adufeiras serem assiduamente convidadas a participar em grandes eventos nacionais e estrangeiros e a participarem em programas de televisão?

Felizmente que existem pessoas ligadas aos grandes eventos e aos principais meios de comunicação social com sensibilidade para aquilo que é puro em termos tradicionais. As Adufeiras são exigentes para consigo próprias, e fazendo um trabalho exigente proporcionam-lhes condições para reclamar qualidade no espectáculo que participam. Posso dizer-lhe que dos trinta ou quarenta convites que o grupo recebe anualmente, são concretizados apenas cerca de uma dezena. Quer isto dizer que as Adufeiras sempre que actuam sabem que têm uma plateia exigente à sua espera, um público que sabe aquilo que quer ouvir e ver. Se verificamos que por detrás do convite há uma intenção comercial, então imediatamente recusamos. Por isso, as actuações que são feitas em cada ano são efectivamente muito seleccionadas.

Qual é a receptividade do público estrangeiro à sonoridade dos Adufes?

Em qualquer espectáculo onde as Adufeiras participam, a sua entrada em palco é muito acarinhada e no final da sua actuação são premiadas com um calor humano invulgar. Isso prova a aceitação do público àquilo que as Adufeiras fazem, talvez porque assistem a algo que não é habitual e que ali está um bocadinho de Portugal, autêntico e profundo. Será como que a ruralidade a invadir a urbanidade, independentemente do país onde nos apre-

sentamos e das plateias altamente selectas que assistem aos espectáculos. Naturalmente que isso nos dá um enorme consolo, porquanto os aplausos são espontâneos, não são encomendados. Depois verificamos que, muitas vezes, pessoas que nos viram na Alemanha ou na Holanda, algum tempo depois estão em Monsanto, pois querem ver a aldeia de que somos originários. Devido a um programa que fizemos para uma televisão do Japão, passado algum tempo começámos a assistir a uma vinda quase maciça de japoneses a Monsanto. Acho que é um bom serviço que estamos a fazer sobre a promoção da nossa terra e da nossa cultura.

Assume com algum orgulho que as Adufeiras são um emblema cultural desta região da Beira Baixa?

Tudo temos feito para representar de uma forma muito digna a nossa terra, porque Monsanto o merece. É uma terra muito rica no seu património musical, paisagístico e arquitectónico. Gostaríamos que Monsanto passasse a usufruir do proveito da grande fama que tem. A aldeia está a caminhar para uma desertificação humana aceleradíssima. Penso que o Turismo, através dos organismos responsáveis, deveria apostar nesta região em termos da restauração, do artesanato. A oferta de alojamentos é escassa. Monsanto deve ser uma aldeia viva e não um museu de pedras mortas, oferecendo condições de vida aos jovens, evitando a sua partida para outros sítios, que as escolas reabrissem e não fechassem. Repare que o nosso pároco faz trinta ou quarenta funerais por ano e não faz nenhum baptizado! Sabemos que o problema ultrapassa as competências das entidades regionais, mas que exige a atenção dos organismos estatais. Não estou a fazer uma crítica política, mas a apelar à consciência de quem de direito,

“As Adufeiras de Monsanto”

IDANHA-A-NOVA

A AUTENTICIDADE DA BEIRA BAIXA NOS SONS DOS ADUFES

Joaquim Manuel da Fonseca

porque Monsanto, a “Aldeia mais Portuguesa de Portugal”, está a morrer, e nós não queremos que Monsanto morra, que viva orgulhosamente.

Há uma tendência para descaracterizar a “Aldeia mais Portuguesa”?

Monsanto faz parte do conjunto das Aldeias Históricas. Têm sido feitos alguns trabalhos de conservação e de restauração. Nem sempre os arquitectos têm tido a sensibilidade para as intervenções que têm sido feitas. Com o devido respeito, penso que não podemos estar subordinados a uma “ditadura” dos arquitectos. O trabalho a ser feito em Monsanto, e no conjunto das Aldeias Históricas, terá que ser forçosamente um trabalho interdisciplinar, em que a população também tenha uma palavra a dizer. Não se deve cortar a liberdade de expressão às pessoas de Monsanto, porque são elas que detêm o saber da forma como as casas eram feitas, quais os materiais utilizados. Portanto não podemos admitir que pessoas com sensibilidade do litoral ou do Alentejo venham deliberar que, por exemplo, todas as casas devam ser caiadas. Recordo que há uns anos houve uma tentativa de cair as casas de Monsanto! A aldeia marca a diferença pela sua rusticidade, pelo seu granito, e será o granito que terá de ser “senhor e rei” desta aldeia, fazendo-se confundir com as rochas. Naturalmente que a essa rusticidade se deve juntar as condições mínimas de habitabilidade; os quartos têm de ter janelas, deve haver água e luz, casas de banho. Não podemos dizer, por uma questão de conservadorismo, que não queremos electricidade. Nada mais errado; queremos a luz eléctrica, como queremos estradas e bons acessos. Mas não podemos admitir que um caminho romano seja alcatroado, como já aconteceu, e que casas de granito sejam caiadas. Monsanto diferencia-se pela sua

característica particular e distinta.

Como nos apercebemos, o trabalho das Adufeiras é reconhecido nacional e internacionalmente. De que forma é entendido pelas entidades locais?

É uma pergunta bastante pertinente, que deve ser respondida com um adágio popular: “Santos da casa não fazem milagres”. Penso que o conceito do adágio nos oferece algumas ilações. Mas isso é uma questão que não nos preocupa, na medida em que as Adufeiras de Monsanto se dão ao luxo de não estarem numa subsídi-dependência que infelizmente impera neste país. O subsídio cria uma “prostituição” obrigando a uma dependência, e essa nunca foi a via escolhida pelas Adufeiras de Monsanto. O que fazem é de uma forma completamente autónoma. Talvez por isso o trabalho é feito ainda com mais gozo, com redobrado prazer. No seu palmarés têm uma internacionalização considerável, com elevadas presenças na Alemanha, na Holanda, em França e em Espanha. Em Portugal a sua presença consta em parcerias com Ricardo Pais, do Teatro S. João do Porto, José Salgueiro, José Marinho e em grandes realizações, como “Raízes Rurais, Paixões Urbanas”, e um grande espectáculo que foi especialmente montado para a Expo'98. Tudo isso se traduz num consolo muito grande e naturalmente num regalo pessoal.

Onde estiveram mais recentemente?

Participámos na Gala da SIC, onde posso referir a importância que foi dada à nossa participação, tendo sido tratados com muito respeito. Foi uma participação muito honrosa, pois foram altamente seleccionados os participantes no espectáculo, que assinalou os doze anos da SIC. Dentro de dias vamos estar em Portalegre, a convite da agência 'Há Cultura'. ■